



As Geografias do passado: Um diálogo a partir de “O semeador e o ladrilhador” a propósito da questão da morfologia urbana

Talita dos Santos Linhares^{1*}
Isabela Silva de Souza^{2**}
Andréa Tinoco Alves^{3***}

Resumo

Ao inserir-se no campo de investigação da Geografia Histórica, o presente trabalho defende a possibilidade de se fazer uma geografia do passado. Para tanto, toma por base a análise da morfologia urbana da cidade colonial e a discussão presente nos círculos especializados a respeito das diferenças estabelecidas por Sérgio Buarque de Holanda entre a cidade de colonização espanhola e aquela de colonização portuguesa. Por meio da conhecida metáfora do “semeador” e do “ladrilhador”, o autor de “Raízes do Brasil” demarcou a oposição entre o modelo português “espontâneo”, não organizado, e o espanhol, marcado pelo rigor no traçado urbano planejado das cidades (o chamado “tabuleiro de xadrez”). Nesse intento, uma breve análise sobre a morfologia urbana da cidade de São Fidélis, localizada no Estado do Rio de Janeiro, foi desenvolvida, procurando-se elementos que pudessem contribuir na compreensão do traçado regular do centro antigo da cidade. A metodologia empregada no presente trabalho foi basicamente a pesquisa bibliográfica, procurando-se estabelecer um diálogo entre autores com vistas a desenvolver o tema em questão. Um diálogo entre Sérgio Buarque de Holanda e outros autores sobre as cidades coloniais portuguesas e espanholas, foi desenvolvido, ao longo deste trabalho. Assim como serão mencionados os agentes que tiveram papel importante na conformação da cidade colonial brasileira, o que, muitas vezes, auxilia a compreensão da atual organização espacial do território.

Palavras-chave: Geografia Histórica. Cidade colonial. Morfologia urbana. São Fidélis.

Introdução

Ao lançar-se no campo de investigação da Geografia Histórica, este trabalho tenta fazer uma Geografia no tempo, reconstruindo as Geografias do passado. Nesse contexto, a morfologia urbana da cidade colonial foi analisada, assim como foram dialogadas as diferenças entre os modelos de colonização portuguesa e espanhola mencionadas no texto de Sérgio Buarque de Holanda (1995), “O semeador e o ladrilhador” e a influência que podem ter tido ou não na conformação do espaço.

Conforme é citado por Santos (2004, p. 104), a paisagem existe através de formas criadas em momentos históricos diferentes, porém coexistindo no momento atual. As formas perceptíveis na paisagem, hoje, certamente exercem uma função atual, que é consequência das necessidades atuais da sociedade.

Tais formas nasceram sob diferentes necessidades, emanaram de sociedades sucessivas, mas só as

^{1*} Pós-graduanda em Ensino de Geografia - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense. E-mail: talitalinhares4@hotmail.com.

^{2**} Graduada em Licenciatura em Geografia - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense. E-mail: issou@bol.com.br

^{3***} Pós-graduanda em Ensino de Geografia - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense. E-mail: tinocoalvesandrea@yahoo.com.br.

formas mais recentes correspondem a determinações da sociedade de hoje (SANTOS, 2004, p. 104).

De acordo com Santos (2004, p. 104), a paisagem e o espaço são sempre uma espécie de palimpsesto onde, mediante acumulações e substituições, a ação das diferentes gerações se superpõe. “O espaço constitui a matriz sobre a qual as novas ações substituem as ações passadas. É ele, portanto, presente, porque passado e futuro” (SANTOS, 2004, p. 104).

Segundo Piellusch (1975, p. 210-211 apud PEREIRA, 2006, p.9), a Geografia Histórica é a fusão entre as dimensões tempo e espaço da existência humana, sendo a única posição que oferece uma junção significativa entre passado e futuro. Essa reflexão é produtiva quando vai além da pura nostalgia, gerando também um entendimento do passado.

Para a compreensão da atual configuração do espaço geográfico, muitas vezes fazem-se necessários o conhecimento e o entendimento do processo histórico de formação, no qual estão inseridos.

“os homens e suas atividades não se acham em sua presente localização exclusivamente por causa da interação de fatores naturais”, já que para ele, a localização atual muitas vezes resulta, “direta ou indiretamente, de fenômenos que deitaram raízes previamente”. É esta constatação que o leva a sugerir que “[...] o estudo de localizações individuais, assim como o estudo do espaço, não pode passar por cima da dimensão temporal” (SANTOS, 1978, p. 56, apud FILHO, 2003).

O modo de colonização portuguesa e espanhola apresentou características bastante distintas, o que para alguns autores teve consequências extremamente relevantes na morfologia urbana das cidades da América Latina. Para Holanda (1995), os portugueses, aparentemente, não demonstravam nenhuma preocupação, nenhum rigor, na formação do traçado dos centros urbanos construídos por eles. Estes pareciam desenvolver-se pelo acaso, sem nenhum planejamento prévio, o que levou esse autor a associá-lo a um desleixo. Segundo o autor, as obras realizadas pelos portugueses, no Brasil, eram muito mais de caráter de feitorização do que colonização, pois só interessava à metrópole o investimento que trouxesse resultados imediatos e sem muito esforço.

Ao contrário da colonização espanhola, que segundo Holanda demonstrou maior preocupação com o rigor do traçado dos centros urbanos, não se deixando modelar pelas sinuosidades das ruas e asperezas do solo, mas sim pela vontade dos castelhanos em vencer a natureza. O plano de traçado regular ou em formato de “tabuleiro de xadrez” era característica relevante nos centros colonizados por espanhóis. Entretanto, o autor parece não levar em consideração alguns fatores históricos que expliquem a atual configuração das cidades. A partir da perspectiva sócio-espacial, discutida ao longo do texto, foi demonstrado por alguns outros autores que o tipo de colonização não foi o único fator responsável por tais características.

De acordo com Pozzo (2007), o tipo de colonização, que muitas das vezes é visto como explicação para a morfologia urbana das cidades coloniais hispânicas e portuguesas, não foi o único contexto formador das diferenças, mas também as características físicas, como a escolha dos altiplanos andinos pelos espanhóis e planícies costeiras pelos portugueses.

Enquanto os espanhóis ocuparam o espaço dos Altiplanos da Cordilheira dos Andes, os portugueses instalaram suas vilas e cidades na Planície Costeira Brasileira, recortada por Serras Cristalinas. O relevo dos Altiplanos, que são imensos planaltos localizados a grandes altitudes, proporcionou condições muito favoráveis para a instalação do tabuleiro; ao contrário, o relevo recortado do litoral brasileiro favoreceu a abertura de ruas em padrão irregular e curvilíneo, acompanhando a topografia (POZZO, 2007).

Ao chegar à cidade de São Fidélis, um visitante poderia não perceber o traçado retilíneo das ruas da cidade, perdido no meio do burburinho da vida urbana. Entretanto ao analisar mais detalhadamente a paisagem, é possível perceber as marcas do passado traduzidas no traçado e paisagem da cidade, convivendo com os objetos do presente. Para Reboratti (1993, p. 17 apud Santos, 2004, p. 104) “a paisagem humana é uma combinação de vários tempos presentes”.

que no dizer do autor não demonstrou esforços para o desenvolvimento da colônia, apresentado certo “desleixo” no cuidado da mesma. O segundo é representado pelo colonizador espanhol, metuculoso em seu trabalho, com amor exasperado pela simetria e uniformidade.

Os princípios que nortearam a colonização portuguesa e espanhola foram bastante diferentes. Tendo os mesmos produzido resultados peculiares na construção do espaço e criação das cidades. Portanto, a discussão entre autores acerca da teoria apresentada em “O Semeador e o Ladrilhador” também foi promovida, haja vista que a colonização portuguesa e a colonização espanhola foram destacadas, relacionando-as ou não a aspectos formadores dos centros urbanos da América de colonização ibérica.

Finalizando a pesquisa foi feita uma breve passagem pela história da formação de São Fidélis, cuja colonização teve início a partir da segunda metade do século XVIII. Buscou-se o entendimento de como se deu o modelo de urbanização da cidade, que é reconhecida nacionalmente por apresentar nas ruas do centro, um traçado geométrico rigoroso com linhas previstas e respeitadas. O aldeamento da cidade feito pelos missionários capuchinhos Frei Vitório de Cambiasca e Frei Ângelo Maria de Lucca, que tinham como objetivo a catequização e a formação de mão de obra indígena.

Entretanto, o que chama atenção para o tipo de aldeamento que ocorreu em São Fidélis é seu traçado retilíneo e suas casas alinhadas. Um tipo de urbanização diferenciado ocorreu na cidade, ao ser observado o traçado de arruamento em xadrez regular, com formação de quarteirões que fizeram com que suas vias principais se cruzassem numa grande praça. Poucos são os exemplos de urbanização semelhantes encontrados no país, o que leva a cidade a ter seu destaque, além do reconhecimento constante do trabalho desenvolvido pelo Frei Ângelo e pelo Frei Vitório.

O traçado das ruas e praças da cidade tem merecido louvores de ilustres visitantes. Nasceu conjuntamente com a Matriz e para lhe servir de Coroa. Disposto com estudada simetria, obedece a um plano inteligente: tendo a igreja como idéia central constituiu, para os Fundadores, um belo plano urbanístico, acariciado e vivido em espírito, entre as canseiras do ministério, antes de torná-lo realidade palpável. (PALAZZOLO, 1963, p. 218) .

Diante do exposto, justifica-se a elaboração deste trabalho, haja vista que a investigação no campo da Geografia Histórica faz-se algumas vezes necessária, objetivando compreender as paisagens atuais através da análise da Geografia do passado.

Objetivos

O trabalho tem como objetivos promover discussão entre autores que apresentem opiniões relacionadas às diferentes teorias de organização do território (colonização portuguesa x colonização espanhola). Busca-se também entender a organização territorial ao longo do tempo para compreensão do espaço geográfico atual. Uma análise histórica da evolução espacial de São Fidélis também será realizada, assim como objetiva-se definir os agentes sociais responsáveis pela organização espacial de cidades coloniais brasileiras, com destaque para São Fidélis, cidade na qual verificou-se o desejo pelas formas fixas, no que diz respeito ao traçado da cidade.

Metodologia

A metodologia utilizada neste trabalho foi a utilização de mapas históricos, mapa atual da cidade de São Fidélis, fotos aéreas da cidade, coleta de dados e informações em documentos arquivados na cidade, que possam auxiliar no relato de fatos históricos relacionados à evolução espacial do município, entrevista à historiadora, plantas de cidades que ilustram os diferentes modelos de colonização portuguesa e espanhola. Esses procedimentos se dão sob o arcabouço da revisão bibliográfica no diálogo entre o texto de Holanda e outros autores à luz das concepções da Geografia Histórica.

Imagem da planta da antiga vila de São Fidélis e fotos nas quais se pode observar a morfologia urbana da cidade:

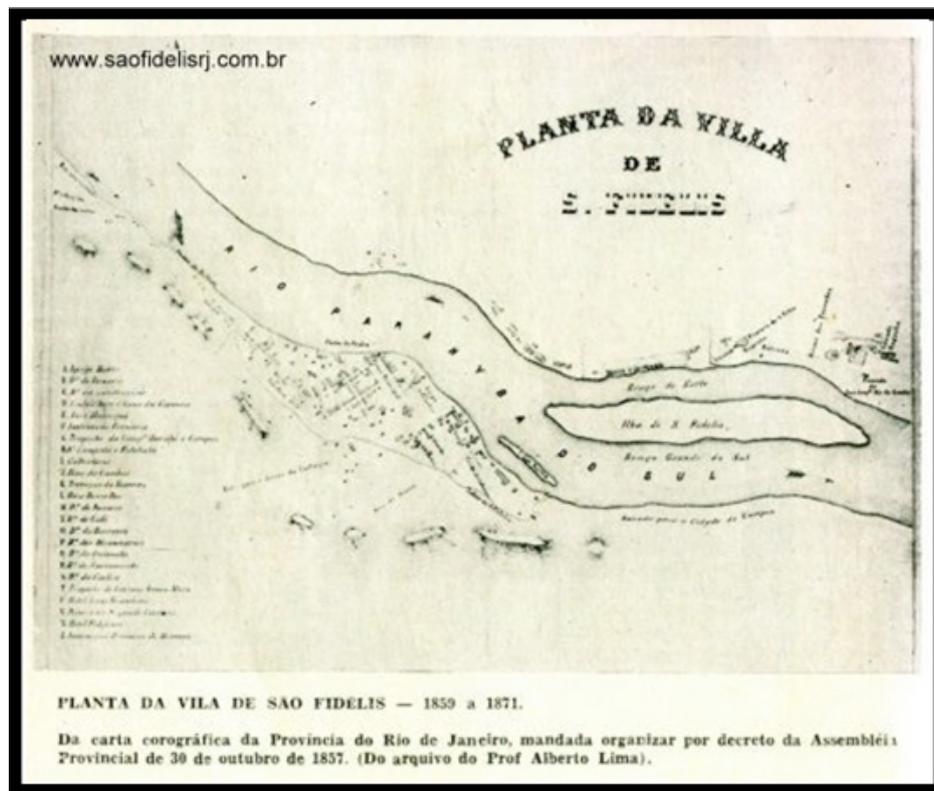


Figura 2 - Planta da Vila de São Fidélis.

Fonte: SÃO FIDÉLIS. Disponível em: <www.saofidelisrj.com.br> Acesso em 20 jun. 2009



Figura 3 - Foto da cidade de São Fidélis, sem data.

Fonte: Casa de Cultura de São Fidélis. Foto Isabela Souza.



Figura 4 - Foto da cidade de São Fidélis, sem data.

Fonte: Casa de Cultura de São Fidélis. Foto Isabela Souza

Em se tratando de traçado retilíneo de cidades de colonização espanhola verifica-se algumas figuras abaixo.



Figura 5 - Planta de Havana.

Fonte: Juan Síscara, 1691 *apud* DANTAS, 2004

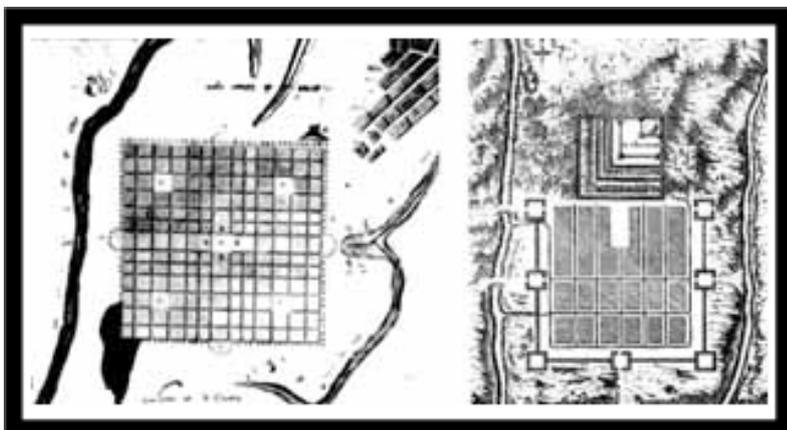


Figura 6 - À esquerda, traçado de Luiz Díez Navarro para Nova Guatemala, 1776. À direita, plano de Cusco na época da conquista espanhola.

Fonte: GUTIERREZ, Ramón. *Arquitectura y urbanismo en Iberoamerica*. Madrid, Arte Cátedra, 1992 *apud* DANTAS, 2004

Contribuições geográficas

As discussões nas quais a cidade de São Fidélis está inserida devem-se à ausência de relatos sobre o tema e baseia-se no texto “O semeador e o ladrilhador”, de Sérgio Buarque de Holanda, que instituiu pela primeira vez uma interpretação sobre a cidade colonial da América. A partir daí, autores passaram a repensar as teorias de organização do território, oposição entre colonização portuguesa e espanhola, propostas por Holanda, das quais surgiram opiniões concordantes e divergentes. Vale ressaltar que o texto supracitado, cuja relevância é notável, apresentou os alicerces da formação da sociedade brasileira.

Muito pouco foi publicado em relação à configuração da morfologia urbana da cidade de São Fidélis. Por outro lado ainda, os textos existentes configuram-se muito mais como relatos “memorialistas”, preocupados em ditar uma cronologia dos acontecimentos, dentro de uma dada ordem de pensamento do que um enfoque mais sistematizado da questão. Nesse sentido, o presente trabalho pretende servir de embasamento para pesquisas futuras sobre a cidade e, ao mesmo tempo, lançar um olhar na área da pesquisa em Geografia Histórica.

Considerações finais

Embora a Geografia Histórica ainda não seja utilizada com muita frequência nas pesquisas, ela vem se disseminando. Verificou-se, ao longo deste trabalho, a opinião de autores sobre a conceituação da Geografia Histórica, assim como notou-se também a dificuldade, algumas vezes, de aliar o conhecimento histórico à pesquisa geográfica. Entretanto, foi bastante importante tentar estimular o geógrafo a buscar no tempo transcorrido elementos necessários ao desenvolvimento de algumas pesquisas.

No que concerne à busca a fontes de informações históricas, o conhecimento de elementos relevantes de formação do território brasileiro, no período colonial, certamente contribuirá para compreensão da atual organização territorial, visto que certas características presentes no espaço são um corolário de ações do período supracitado. Através deste levantamento histórico, foi possível verificar o grande poderio exercido pela Igreja e Estado na conformação do território brasileiro.

Baseada no texto *O semeador e o ladrilhador* de Holanda (1995) foi interessante a discussão no que diz respeito aos modelos de colonização portuguesa e espanhola. Consoante afirmações de Holanda (1995), as cidades construídas pelo primeiro surgiriam do mero acaso, sem nenhum planejamento, enquanto as cidades construídas pelo segundo obedeceriam a um rigor geométrico e apresentavam um esforço em vencer a natureza. Afirmações que são contestadas por alguns estudiosos, que inclusive apontaram algumas falhas na concepção de Holanda (1995).

Buscou-se agregar elementos da Geografia Histórica na compreensão dos saberes sobre a morfologia urbana da cidade de São Fidélis. Tarefa que não foi nada fácil, em virtude da existência de poucos relatos sobre o assunto. Os que existem, apresentam-se de forma “memorialista”, preocupados em ditar uma cronologia dos acontecimentos. Há também carência de fontes primárias como mapas e plantas que revelem a estrutura do espaço desde a sua criação. Importante destacar, também, que alguns livros que apresentaram relatos históricos sobre a cidade, o fizeram de forma um pouco confusa, dificultando o entendimento dos fatos. Salienta-se ainda que algumas das poucas fotos históricas que retratam a antiga morfologia urbana da cidade não apresentam a cronologia exata. Portanto, foi vivenciada na tentativa de elaboração deste trabalho monográfico, aquela dificuldade, já citada, encontrada por parte dos geógrafos que tentam se aventurar nas “searas históricas” (ROCHA, 2005).

O objetivo que se tentou alcançar foi mostrar que é possível a reconstrução das Geografias do passado, ainda que se tenha consciência da dificuldade da reconstrução dos fatos tais quais eles ocorreram. Entretanto, foi exemplificado no trabalho desenvolvido, que a investigação no campo da Geografia Histórica, no que diz respeito à morfologia urbana, possibilitou melhor entendimento sobre a estrutura urbana das cidades de colonização portuguesa e espanhola. Sendo possível também, ainda que de forma breve, a análise da cidade colonial brasileira e da morfologia urbana da cidade de São Fidélis.

Referências

- ABREU, Maurício de Almeida. Sobre a memória das cidades. *Revista da Faculdade de Letras. Geografia I série*, Porto, v.14, p.77-97, 1998. Disponível em: <ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/1609.pdf>. Acesso em: 20 mai. 2009.
- BRESCIANI, Maria Stella. Cidade e História. In: OLIVEIRA, Lúcia Lippi (Org). *Cidade: história e desafios*. Rio de Janeiro, Editora Getúlio Vargas, 2002.
- DANTAS, Ana Claudia de Miranda. Cidades coloniais americanas. *Enciclopédia virtual Vitruvius* (arquitextos). Texto especial 241, julho de 2004. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/irq000/esp241.asp>>. Acesso em: 15 abr. 2009.
- FILHO, Amílcar Torrão. Um texto fundador e as raízes de uma interpretação: Sérgio Burque de Holanda e a desordem pitoresca da cidade colonial. *Hist. e Soc.*, Vitória da Conquista, v. 3, n. 1, p. 113 - 132, 2003.
- GOOGLE MAP [online]. Disponível em: < http://maps.google.com.br/maps?utm_campaign=pt_BR&utm_source=pt_BR-ha-latam-br-sk-gm&utm_medium=ha&utm_term=mapa> Acesso em: 2 abr. 2009.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. O sementeiro e o ladrilhador. In: _____. *Raízes do Brasil*. 26ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. Cap. 4: p.. 93 – 137.
- PALAZZOLO, Frei Jacinto de. *História da Cidade de São Fidélis*. Rio de Janeiro: Convento dos Padres Capuchinhos, 1963
- ROCHA, Yuri Tavares. Fontes Históricas e Pesquisas Geográficas: Relatos de Viajantes, Iconografia e Cartografia. *GEOUSP - Espaço e Tempo*, São Paulo, n. 17, p. 135 - 151, 2005.
- SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço*. 4.ed. São Paulo. Edusp. 2004. 385p.
- SÃO FIDÉLIS [online]. Disponível em: <www.saofidelisrj.com.br> Acesso em: 20 jun. 2009.
- VASCONCELOS, Pedro de Almeida. A apropriação do território no Brasil colonial. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs). *Explorações Geográficas: percursos no fim do Século*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.